



**I Seminário Nacional Infância,
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

As imagens fundadoras das infâncias em um mundo de guerras

The founding images of childhood in a world of wars

Priscila Daniele Ladeira¹

Eixo Temático: 3 - Tortura, privação de liberdade e violência de Estado

“O mundo é belo antes de ser verdadeiro.
O mundo é admirado antes de ser verificado”.
— Bachelard

Introdução

O presente trabalho pretende tecer reflexões sobre as imagens fundadoras das infâncias em um mundo de guerras que vem assolando nações e comunidades, e fazendo das crianças suas maiores vítimas. Para isso serão utilizadas diferentes expressões artísticas. Trabalharemos com o conto “O amor em Lobito Bay” da escritora portuguesa Lúcia Jorge para pensarmos as imagens fundantes das infâncias em contexto de violência e com a fotografia jornalística de Márcia Foletto (2005) para debatermos como, muitas vezes, na ausência do Estado para a promoção da vida, as próprias crianças criam mecanismos de se protegerem da violência, e tal proteção passa pelo “não ver”.

Desenvolvimento

O conto “O amor em Lobito Bay” da premiada escritora portuguesa Lúcia Jorge narra a história de uma criança, moradora da cidade de Lobito, na província de Benguela, ao sul de Angola. Em Lobito a prática da corrida era algo comum entre as crianças e adultos e ali havia uma lenda -

¹ Mestre em Educação, professora do Departamento de Educação Infantil da Universidade Federal de Viçosa e Doutoranda em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Email: priscila.ladeira@ufv.br.

quem comesse o coração de uma andorinha viva se tornaria o corredor mais veloz de todos. O professor, em sua infância, sonhava em ser o corredor mais veloz do mundo e após conseguir uma andorinha ferida narra à sua mãe como realizará seu desejo de comer o coração da pequena ave. A mãe convence a criança de executar o seu plano no dia seguinte, e, durante a noite, provavelmente, liberta a andorinha de seu destino. Alguns eventos mudariam as experiências do professor e também sua narrativa. A guerra civil angolana chegara até a cidade de Lobito e a família do narrador se vê obrigada a mudar, saindo da mesma de barco pela Baía de Lobito. No trajeto o barco que estavam é interceptado sob a acusação de haver ali “libertadores rivais”. Ao retornarem ao porto, a denúncia se constata e os dois libertadores são executados na frente de todos.

Muitas vezes, por pintarmos um mundo puro e inocente que envolve, ou deveria envolver, as crianças, temos dificuldades de reconhecer que grande parte destes sujeitos constroem suas experiências de vida em contexto de violência real, não apenas simbólica. Quantas outras “imagens fundadoras” como estas estão sendo vistas pelas crianças ao redor do mundo neste exato momento?

É o que nos apresenta a fotografia² produzida pela foto-jornalista Márcia Foletto na Ladeira dos Tabajaras (Rio de Janeiro) em uma operação policial no mês de abril de 2025. Na imagem é possível ver um grupo de policiais carregando um corpo, ao lado deste “cortejo” uma adolescente tapa os olhos de uma criança que carregava em suas costas uma mochila escolar. A imagem produzida por Foletto (2025) nos ajuda a retomar o debate sobre a violência institucional na produção de imagens fundadoras das infâncias em um mundo de guerras. Sobre este Real produzido pela arte fotográfica Lopes (2018) nos ajuda a compreendê-lo.

O que fazer quando o Real se transforma mais e mais em experiência midiática? Seria o Real o último espetáculo, como afirma Zizek (2003, p. 31), ou o fim da sociedade do espetáculo, como aponta Baudrillard? Essas questões nos serviram como um pano de fundo para marcar nosso interesse nesse debate sobre a questão do Real na arte contemporânea a partir da presença dos meios de comunicação de massa não só como técnica ou mercadoria, mas experiência, afeto, memória (Lopes, 2008, p. 84).

² A foto circulou em diversos veículos de comunicação e pode ser encontrada junto a uma sequência fotográfica na rede social da jornalista. Disponível em https://www.instagram.com/p/D1fl_kgpf6d/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em 29 de junho de 2025.

A fotografia de Folleto (2025) não é simplesmente uma imagem produzida com excelente técnica e que se torna um produto no mercado midiático, “mas experiência, afeto e memória”. Nos ajuda a lembrar o que Benjamin ensinou:

Todos os esforços para estetizar a política culminam em um só lugar: a guerra. A guerra, somente a guerra, torna possível fornecer um objetivo a grandes movimentos de massa sem que sejam afetadas as relações de propriedade; eis como esses fatos podem ser compreendidos do ponto de vista político (Benjamin, 2012, p. 34).

Esta imagem de guerra também vem nos lembrar que, muitas vezes, na ausência de Estado que promove vida, as próprias crianças criam mecanismos de se protegerem da violência, e tal proteção passa pelo “não ver”.

Considerações Finais

O conto e a fotografia aqui apresentados nos auxiliam a refletir sobre como o constante estado de guerra que vivenciamos continua a produzir nas crianças sobreviventes imagens fundantes de suas histórias. Já nossos governantes, continuam tapando os olhos diante destas mortes.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter et al. Tadeu Capistrano (Org.). **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 11-42.

JORGE, Lúcia. **O amor em Lobito Bay**: contos - 1ª ed. - Alfragide: Dom Quixote, 2016.

LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Editora Universidade de Brasília; Finatec, 2007.